

# INTEGRAÇÃO CULTURAL NO MERCOSUL\*

José Onesio Ramos

*Aluno do Curso de Especialização em Sociologia e Sociologia da Educação da Universidade Estadual de Londrina.*

## resumo

O objetivo deste artigo é apresentar algumas reflexões acerca da importância da integração cultural no Mercosul, uma vez que parece haver uma ampla discussão quanto à integração nos aspectos econômico, jurídico e comercial, ficando o aspecto cultural relegado a segundo plano. Serão analisados os discursos do presidente e do ministro das Relações Exteriores do Brasil, no período de 1995 a 1998, com o intuito de apreender qual é a atenção dispensada por estas autoridades à integração cultural no Mercosul.

**Palavras-chave:** integração cultural; Mercosul.

## A CULTURA NO PROCESSO DE GLOBALIZAÇÃO E REGIONALIZAÇÃO

Questões gerais acerca da globalização: notas introdutórias

**A**o se trabalhar com o tema Mercosul e cultura pretende-se examinar como a questão da integração cultural é tratada pelas autoridades governamentais brasileiras (presidente da República e ministro das Relações Exteriores) no contexto da formação do Mercosul, ou seja, como ela é debatida, proposta e propagada.

Portanto, antes de fazer uma abordagem propriamente dita sobre o Mercosul, é necessário compreender o surgimento deste bloco econômico dentro do contexto da globalização. Deve-se salientar que a globalização não é a tônica principal deste trabalho, mas apenas um “pano de fundo” para a compreensão do processo de construção do Mercosul.

Quanto à compreensão da globalização há divergências entre os estudiosos. Para uns a globalização é uma realidade presente e inexorável; para outros, é um mito. (BATISTA JR., 1998; SANTOS, 1994)

Segundo BATISTA JR. (1998, p.126-127), a globalização se constitui um mito porque a economia e a política

nacional têm de se curvar aos imperativos da “nova economia global”.

Segundo o autor, “‘globalização’ é uma nova palavra para um processo que remonta, em última análise, à expansão da civilização européia desde o final do século XV. (...) Em diversos aspectos, o grau de integração internacional alcançado entre 1870 e 1914 é comparável, ou até superior, ao observado na economia ‘globalizada’ do final do século XX.” (BATISTA JR., 1998, p.180)

Para SANTOS (1994), a globalização está intimamente ligada à idéia de mercado. Sendo assim, a globalização não é para todos, mas para aqueles que podem competir.

Se a globalização é um dos fenômenos recorrentes do mercado, é perceptível o seu lado “perverso”: desemprego, perda dos direitos sociais e trabalhistas, flexibilização dos mercados e um aumento crescente da pobreza e da miserabilidade. Nesse sentido, o mercado exige um Estado mínimo para as questões sociais e um Estado sempre presente para socorrê-lo nas crises.

A globalização é tida como uma nova etapa da expansão capitalista a partir do pós-guerra e da desintegração do bloco oriental e da URSS, tendo como atores principais não somente os Estados-nações, mas, também, as corporações transnacionais. (BERNAL-MEZA, 1994; GORENDER, 1995)

Vários ideólogos da globalização vêem o mundo como uma “aldeia global”, como oportunidade de todos à informação, a bens produzidos em outros países, etc.

Segundo RATTNER (1995, p.65), globalizar, para muitos, é “internacionalizar, abertura total, privatizar como

\* O texto é uma adaptação do TCC de mesmo nome apresentado no curso de graduação em Ciências Sociais, da UEL, opção bacharelado, em novembro de 1998, sob orientação da professora Maria José de Rezende.

formas mágicas de resolver o problema da fome, do desemprego, das favelas, da violência.”

Constata-se que a globalização tem um forte caráter econômico, de acordo com o qual os países, para se tornarem “modernos” ou “globalizados”, devem ceder às pressões dos órgãos internacionais como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional (FMI), entre outros. Nesse sentido, os países em desenvolvimento, como o Brasil, são obrigados a privatizar suas melhores empresas estatais, abrir-se para o comércio exterior, baixar alíquotas de importação para conseguir empréstimos dos países do Primeiro Mundo. (RATTNER, 1995) É visível a fragilidade dos países em via de desenvolvimento diante dos países do Primeiro Mundo e das empresas multinacionais. Estaria o Estado-nação desaparecendo no processo de globalização?

Crê-se que a soberania dos Estados-nações estaria bastante reduzida no que se refere às decisões econômicas. Mas, contraditoriamente, o que se verifica cotidianamente, através da mídia, é que empresas nacionais e multinacionais, quando em crises financeiras, são socorridas pelo Estado.

“As empresas multinacionais recorrem ao poder do Estado nacional, em cuja jurisdição se situam suas matrizes, visando a enfrentar os concorrentes e a influir nas decisões dos Estados nacionais, em cujas jurisdições operam suas subsidiárias.” (GORENDER, 1995, p.97)

A globalização vem acompanhada da internacionalização da economia, da tecnologia e da informática, e de meios de comunicação velozes. Daí resulta que a globalização não atinge apenas o setor econômico da população, mas também outros setores como o social, o político e o cultural, que passam por rápidas transformações. Temas que eram restritos a determinado país, hoje, através dos meios de comunicação e das organizações não-governamentais (ONGs), extrapolam a esfera nacional e passam para o conhecimento do mundo todo. Questões relativas a meio ambiente, direitos humanos, violência, desenvolvimento, etc, ganharam maior notoriedade.

Segundo YANNUZZI (1994, p.333), a globalização não criou uma identidade transnacional, mas em muitas regiões do mundo têm havido a exacerbação de identidades mais restringidas, ou seja, um forte apego ao localismo e ao particularismo.<sup>1</sup>

“O processo de globalização, portanto, não parece produzir a uniformidade cultural. Ele nos torna, sim, conscientes de novos níveis de diversidade. Se existir uma cultura global, seria melhor concebê-la não como uma cultura comum, mas como um campo no qual se exerçam as diferenças, as lutas de poder e as disputas em torno do prestígio cultural.” (FEATHERSTONE, 1997, p.31)

Alguns cientistas têm a idéia de que a globalização homogeneiza as identidades culturais nacionais. Outros autores, como HALL (1997) e FEATHERSTONE (1997), não compartilham desta opinião.

Para MORLEY (apud FEATHERSTONE, 1997, p.162),

“as corporações transnacionais mais e mais direcionam a propaganda para várias partes do globo, sendo estruturada para platéias e mercados específicos e diferenciados. Assim, o global e o local não podem ser separados com nitidez, conforme se percebe nesta declaração da Coca-Cola: ‘não somos uma multinacional, somos uma multilocal’.”

Sendo assim, parece que a globalização não elimina a identidade nacional,<sup>2</sup> mas acrescenta outros elementos culturais que interagem com as culturas locais de cada país, reconhecendo ao mesmo tempo a alteridade e a diversidade existente entre os diversos Estados-nações.

Segundo SANTOS (1996, p.135), “identidades são identificações em curso.” Ou seja, as identidades culturais não devem ser pensadas como algo estático, mas como algo que está em constante processo de mudança e de reelaboração. As identidades só são possíveis de ser pensadas e trabalhadas a partir da existência do “outro”, pois, sem ele, não há construção de identidade.

Sendo assim, pensar as identidades no processo da globalização e da integração dos mercados é perceber que

“as identidades são coletivas, dinâmicas e abertas, [portanto,] não há nada que impeça pensar em uma superação das identidades modernas em termos de identidades mais universais, as identidades pós-nacionais. (...) [Cabe à sociedade civil organizada dentro do espaço democrático, reivindicar uma integração] das diferentes identidades tradicionais e nacionais, respeitando-as, num projeto político de justiça, soberania e liberdade.” (SCHUSTER, 1994, p.331)

## Cultura, globalização e regionalização: os fundamentos de um debate

No âmbito deste artigo não é possível traçar um amplo leque sobre o conceito de cultura. Será feita uma breve explanação visando esclarecer com que conceito de cultura se está operando

Compreende-se por cultura toda produção material e simbólica dos homens, inseridos em um contexto social, político e histórico. Sendo assim, tanto a produção cultural como a apropriação destes bens culturais se dão de maneira desigual e diferenciada, pois se está em um mundo onde as pessoas não são iguais e, além disto, situam-se em diferentes classes sociais, estratos sociais e contextos históricos diferenciados.

THOMPSON (1995), dialogando com Geertz,<sup>3</sup> não nega o caráter simbólico na produção dos bens culturais. Mas enfatiza que o caráter simbólico dos fenômenos culturais deve estar sempre inserido em contextos sociais estruturados. É o que Thompson chama de concepção estrutural da cultura.<sup>4</sup>

A semelhante pensamento de Thompson, García Canclini faz a seguinte ressalva:

“Afirmar que a cultura é um processo social de produção significa, antes de tudo, opor-se às concepções que entendem a cultura como um ato espiritual (expressão, criação) ou como uma manifestação alheia, exterior e posterior às relações de produção (sendo uma simples representação delas.) (...) Qualquer prática é simultaneamente econômica e simbólica, uma vez que agimos através dela, construímos uma representação que lhe atribui um significado.” (GARCÍA CANCLINI, 1983, p.30)

Portanto, ao se abordar o termo cultura nos processos de globalização e regionalização, surgem algumas dúvidas e indagações. Tornar-se-ão as culturas nacionais e/ou regionais homogêneas neste novo contexto mundial?

Levando-se em consideração as proposições apresentadas anteriormente, de que a identidade é um processo em curso que está em constante mudança, pode-se afirmar que as culturas nacionais não se tornarão homogêneas. O que há são tentativas de nações mais desenvolvidas economicamente de impingir ao restante do mundo o seu modo de ser, de viver, e seus valores culturais. Mas, por outro lado, é possível observar resistências de alguns países a estas imposições, ou uma reelaboração destes valores culturais, dando-lhes um novo significado.

Alguns autores, como FEATHERSTONE (1997), ACHUGAR (1993) e HALL (1997), afirmam que as culturas nacionais não se tornarão homogêneas ou pasteurizadas com o processo de globalização ou regionalização. Para HALL (idem, p.84), “parece improvável que a globalização vá simplesmente destruir as identidades nacionais. É mais provável que ela vá produzir simultaneamente, novas identificações ‘globais’ e novas identificações ‘locais’.”

Segundo ACHUGAR (1993, p.6), “a integração não passa exclusivamente pela homogeneização e nem pela construção de universos imaginários pasteurizados”. O autor defende a idéia da construção de políticas culturais democráticas, com o intuito de formar identidades coletivas.

Se se observa ao longo da história, os homens sempre se relacionaram. No entanto, os relacionamentos foram diversificados, pois muitas culturas foram suprimidas e outras foram “apropriadas” ou recriadas, etc. O que se observa ao longo da história é que práticas sociais e culturais de um país são apropriadas por outro e passam por reelaboração.

Segundo FEATHERSTONE (1997, p.18),

“em certo sentido todos somos produtores culturais, uma vez que nos entregamos a práticas que não só reproduzem os repertórios culturais de que somos providos e de que necessitamos, enquanto percorremos a vida social, como também, até certo ponto, somos capazes de modificar e moldar tais práticas, enquanto elas se estendem através da cadeia ininterrupta de gerações que constituem a vida humana.”

Nesse sentido, o homem não é mero receptáculo de bens culturais, mas produtor e reelaborador destes bens. Vale salientar que tanto a produção quanto a reelaboração destes bens culturais são diferenciadas já no aspecto subjetivo, já no

sentido da apropriação. Em uma sociedade marcada pela desigualdade e pela diferenciação das classes sociais, há uma dicotomia entre os bens culturais produzidos pela elite e aqueles produzidos pelas classes populares. É o que se chama de cultura erudita e cultura popular.<sup>5</sup>

Após apresentar rapidamente o conceito de cultura em algumas de suas diferentes significações em contextos sociais diversos, a proposta, aqui, é compreender o processo de integração cultural no Mercosul.<sup>6</sup>

Parte-se da idéia de que a cultura é o amálgama necessário para integrar as diversidades, as diferenças e o próprio processo de formação das identidades culturais. Portanto, ao entender a cultura como produção simbólica estruturada em contextos sociais diversos, é possível estabelecer as seguintes indagações acerca desta questão no processo de integração do Mercosul.

- a) Os presidentes e os embaixadores estariam preocupados com a cultura no âmbito do Mercosul?
- b) A integração cultural está tendo a mesma relevância que outros aspectos, como o político, o econômico e o comercial?
- c) O processo de regionalização ou integração estaria “ameaçando” as identidades nacionais?

ACHUGAR (1993) e RECONDO (1997) salientam que é impossível uma integração do Mercosul que privilegie somente o econômico em detrimento do cultural.

No entanto, o que se percebe é um economicismo exacerbado que inibe e pouca relevância tem dado ao problema cultural. Portanto, ao falar de integração cultural não se pensa em homogeneização, mas por integração cultural compreendendo-se “unidade na diversidade”.

COLOMBRES (1997) chama a atenção para o fato de que os Estados-nações e os ministros da Cultura e das Relações Exteriores pouco têm feito no sentido de propiciar a integração cultural no Mercosul. Segundo o autor, o que se percebe é que a sociedade civil se mobiliza para promover concursos e festivais internacionais com o intuito de divulgar a produção cultural dos países-membros do Mercosul. (COLOMBRES, 1997, p.131)

“E somente a cultura, entendida como consciência de um ser no mundo e uma âncora num processo histórico determinado, pode dar ao gigante do Mercosul um rumo político-cultural, uma idéia eixo que o transforme em instrumento de uma emergência civilizatória e não de uma recolonização que nos atará, já definitivamente, a uma civilização ocidental que nunca vacilou em desmantelar ou corromper nossos universos simbólicos.” (idem, p.132)

Mas o que estariam compreendendo por integração cultural as autoridades do Mercosul?

No dia 17 de dezembro de 1996 foi aprovado pelo Conselho de Mercado Comum, em Fortaleza, o Protocolo de Integração Cultural do Mercosul.

Para ALVAREZ & REYES (1997), as noções de cultura e de integração cultural presentes no Protocolo de

Integração Cultural são preservacionistas e conservadoras, pois possuem um enfoque baseado, principalmente, nos bens e instituições culturais tradicionais e eruditos (a arquitetura, o livro, a música, as artes plásticas, os museus).<sup>7</sup> Resta, portanto, uma indagação: como fica a cultura popular no âmbito do Mercosul? Sendo assim, o Protocolo de Integração Cultural não contempla

“A estruturação das relações sociais, os imaginários sociais, as redefinições das identidades locais e nacionais, os hábitos de consumo, as migrações, os preconceitos e os estereótipos; isto é: a densa trama intercultural aparentemente invisível, que imprime sua própria lógica a possíveis ‘espaços de conversação’ regional, e que pode por em relação a cultura com paradigmas atualmente operativos como o desenvolvimento cultural, o desenvolvimento humano e o desenvolvimento sustentável.” (ALVAREZ & REYES, 1997, p.166)

Os meios de comunicação e sobretudo os jornais deveriam desempenhar um papel mais significativo no processo de integração, divulgando as produções culturais dos países-membros e proporcionando debates acerca deste processo. Contudo, não é o que se tem percebido. O assunto Mercosul, nos jornais, é mais mencionado nas páginas de política internacional ou econômica, permanecendo as páginas culturais quase que no silêncio.<sup>8</sup>

Vale salientar que se constata em relação ao Mercosul um economicismo exacerbado, ficando a integração cultural em “segundo plano”. Este é o comportamento tanto de empresários quanto dos próprios governos.

Segundo SARAIVA (1997, p.195), o Brasil, pela maneira como vem conduzindo sua política externa, tem privilegiado os assuntos econômicos e comerciais e não foi capaz de elaborar uma agenda cultural mais expressiva com seus parceiros do Mercosul.

Sendo o processo de integração um processo sócio-histórico e, não, natural, a dimensão econômica é apenas parte de uma dimensão entre tantas outras. (VELLEGGIA, 1997, p.247) Por isso, as dimensões cultural, social e ambiental não devem ser menosprezadas ou tratadas como se fossem “questões menores”.

## ANÁLISE DOS DOCUMENTOS OFICIAIS SOBRE A INTEGRAÇÃO CULTURAL NO MERCOSUL E DOS DISCURSOS DO PRESIDENTE E DO MINISTRO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DO BRASIL

Ao realizar uma análise dos documentos, das entrevistas e dos discursos do presidente do Brasil, do ministro das Relações Exteriores e de outros diplomatas, constata-se que as falas destas autoridades têm se dirigido às questões

econômicas, jurídicas e comerciais. Pouco ou quase nada se têm mencionado a cultura como algo fundamental neste processo de integração.

Para ilustrar tal afirmação gostaria de citar reportagens do jornal Folha de S.Paulo, segundo as quais num seminário de cinema e TV do Mercosul, os representantes do Ministério da Cultura do Brasil não compareceram.<sup>9</sup>

Outro aspecto também observado através da imprensa é que, nos encontros dos ministros das Relações Exteriores do Brasil e da Argentina, nenhuma preocupação com a integração cultural se faz notar.<sup>10</sup> Analisando o comunicado conjunto dos presidentes na XIV Reunião do Conselho de Mercado Comum, em Ushuaia, em 24 de Julho de 1998, constata-se que nenhuma referência é feita à questão cultural. Surge então uma indagação: estariam os dirigentes do Mercosul interessados em uma agregação de mercados ou estariam interessados na integração?<sup>11</sup>

Para SARAIVA (1997), o processo de integração cultural do Mercosul só poderá acontecer, de fato, se houver um incentivo a uma divulgação cultural ampla, principalmente através da educação, que possibilita o conhecimento de um país por outro nos dois sentidos. Segundo o autor, o turismo cultural, a interconexão entre as bibliotecas nacionais, a criação de um banco de dados culturais da região, os meios de comunicação e a promoção de um fundo editorial do Mercosul (SARAIVA, 1997, p.151), bem como a promoção de eventos culturais que expressam formas de vida, de valores e condutas seriam essenciais neste processo de estabelecimento de um diálogo no âmbito da cultura entre os diversos países das regiões que compõem o Mercosul.

Ao analisar os documentos elaborados pelos secretários e ministros da Cultura, percebe-se que eles se preocupam com a integração cultural nos países que formam o Mercosul. Compreendem também que o conhecimento e a apreciação das culturas dos Estados-partes assegurariam ao processo de integração bases sólidas e estáveis

No entanto, COLOMBRES (1997) já afirmara anteriormente que os ministros da Cultura e das Relações Exteriores pouco têm feito no sentido de agilizar a integração cultural no Mercosul. Constata-se nos documentos produzidos que há estratégias para avançar no processo de integração, mas pouco de concreto tem sido realizado.<sup>12</sup>

Em 17 de dezembro de 1996 foi aprovado o Protocolo de Integração Cultural do Mercosul. O protocolo é composto de 20 artigos e, entre eles, salienta-se a integração cultural entre os Estados-partes através de

“produções para cinema, vídeo, televisão, rádio e multimídia, (...) e entre seus respectivos arquivos históricos, bibliotecas, museus e instituições responsáveis pela preservação do patrimônio histórico e cultural.” (BILA, 1996, p.53)

Segundo ALVAREZ & REYES (1997, p.165), as definições de cultura e de identidade cultural são preservacionistas e conservadoras, por possuírem um enfoque da integração baseado, principalmente, nos bens e instituições culturais tradicionais (a arquitetura, o livro, a música, as artes plásticas, os museus).

Observa-se que os acordos acerca da integração cultural na prática não se efetivam, ficando apenas na boa intenção de realizá-los.

“Os numerosos acordos existentes não se concretizam porque em muitos casos as próprias autoridades culturais não os difundem e nem procuram sua implementação pelos outros setores governamentais.” (SARAVIA, 1997, p.150)

Portanto, o autor sugere como forma de integração cultural entre os países o turismo cultural, a interconexão entre as bibliotecas nacionais, a criação de um banco de dados culturais da região e a promoção de um fundo editorial do Mercosul.

Quando se analisam os discursos de Fernando Henrique Cardoso e de Luís Felipe Lampréia sobre a integração no Mercosul, a dimensão cultural quase não aparece. Ou seja, ela não tem os mesmos destaques que os assuntos econômicos, jurídicos e comerciais.

“O Mercosul é para o Brasil, antes de mais nada, um fator de dinamização econômica, pela abertura de novos e importantes mercados para nossas exportações.” (LAMPRÉIA, 1995)

Mais adiante em seu discurso, Lampréia ressalta:

“Somente a vivência democrática permite a extraordinária expansão que o Mercosul vem conhecendo nas esferas não-econômicas. As iniciativas de integração se fazem cada vez mais numerosas e de forma espontânea nas áreas parlamentar, acadêmica, cultural, científica, trazendo o cidadão comum para dentro do processo, e fortalecendo as estruturas resultantes das negociações governamentais.” (LAMPRÉIA, 1995)

Das reuniões de cúpula do Mercosul, onde se reúnem todos os presidentes dos Estados-partes, a única vez que se mencionou a integração cultural como algo importante para o Mercosul foi em Fortaleza, em 1996, e em Brasília e São Borja (RS) em 1997, onde houve um acordo de integração cultural entre o governo do Brasil e o da Argentina. Nas demais reuniões ocorridas em Assunción (1997) e em Ushuaia (1998), nenhuma referência se fez ao tema cultura.

Os presidentes dos Estados-partes reafirmam, em quase todos os encontros, que o Mercosul é estratégico para a inserção destes Estados no contexto internacional. Salientam a importância da democracia, da estabilidade econômica, da justiça social e da ação solidária como bases de êxito da integração.

O presidente Fernando Henrique Cardoso, em discurso proferido no dia 10 de novembro de 1997, ressalta quais os pilares da integração sul-americana.

“A relação Brasil-Argentina é uma importante força na criação de uma área sul-americana de desenvolvimento compartilhado, baseada nos três pilares de integração em nossa região: a integração econômica,

co-comercial, a integração física e a integração energética.” (CARDOSO, 1997)

Em outros momentos, Cardoso reconhece que a cultura é um elemento fundamental e importante na integração regional.

“Isso é muito importante mas não vai haver integração efetiva, senão quando se juntarem às tarifas, sempre uma matéria muito árida, alguma idéia mais generosa de cultura, porque cultura significa compreensão, significa simbolismo, significa possibilidade efetiva de haver uma linguagem que, no futuro, venha a ser uma linguagem comum, não a língua, mas a linguagem simbolicamente comum de uma integração que signifique, realmente, uma aproximação entre os povos.” (CARDOSO, 1996)

E quanto à integração, Cardoso afirma que ela não diminui o interesse nacional. A integração econômica deve vir acompanhada, simultaneamente, de mecanismos sociais, culturais e políticos da integração nacional. (CARDOSO, 1997)

O ministro das Relações Exteriores do Brasil, Luiz Felipe Lampréia, no III Encontro de Negócios e Marketing do Cone Sul, ocorrido em outubro de 1996 na cidade de Florianópolis, não faz nenhuma menção clara à cultura como sendo algo importante no processo de integração. Apenas salientou que a “integração é processo e, nesse sentido, não pretende o Mercosul esgotar-se na dimensão do livre comércio.” (LAMPRÉIA, 1996a) Mais adiante o ministro ressalta que a agenda precisa ser ampliada, e cita relações trabalhistas, harmonização de currículos acadêmicos, meio ambiente, energia, transportes e comunicação, mas a cultura não é citada. E prossegue seu discurso:<sup>13</sup>

“Tudo isto leva ao grande objetivo que une os países membros: caracterizar o Mercosul como uma entidade permanente e positiva do cenário internacional. Queremos afirmar que o Mercosul é uma conquista duradoura de nossos povos e tudo faremos para torná-la cada vez mais sólida.” (LAMPRÉIA, 1996a)

Ao examinar-se a fala de Lampréia, vê-se que é salientada a importância de inserir-se o Brasil na política mundial do século XXI como um dos países-chave no cenário político-econômico mundial. E quanto ao aspecto da integração no Mercosul, a preocupação de Lampréia é de que o Mercosul possa estreitar seus laços econômicos e comerciais com outros mercados.

“O próprio Mercosul adota hoje um curso que permite antever o que será nas próximas duas décadas: um processo intensificado de integração, baseado em um núcleo algo ampliado de Estados-Membros, que irão aprofundando os mecanismos do mercado comum através de um crescente número de políticas internas concertadas (direitos do consumidor, proteção da propriedade intelectual, regime de salvaguar-

das e defesa contra práticas desleais de comércio, etc), e com um número importante de acordos de livre comércio com outros países da região e fora dela.” (LAMPRÉIA, 1996b, p.43)

Tem-se constatado pela mídia que, apesar de a cultura movimentar somas significativas de dinheiro, no Brasil,<sup>14</sup> no que tange ao processo de integração cultural no Mercosul, várias são as críticas de que os bens culturais produzidos nesta região não encontram apoio e divulgação. Segundo o crítico teatral Carlos Pacheco, o teatro e a cultura não são atividades prioritárias para os governos do Mercosul. E a diretora de teatro Flávia Moraes diz que os governos estão cada vez mais distanciados das atividades culturais na economia atual. Sendo assim, ela diz que a cultura não pode esperar o governo. Mas os empresários devem encarar as atividades culturais como um grande negócio.<sup>15</sup>

Devido à falta de apoio dos órgãos governamentais às atividades culturais, observa-se através da imprensa que a própria sociedade civil ou alguns setores ligados à cultura é que se mobilizam no intuito de divulgar os bens culturais entre os países do Mercosul. Segundo, o jornal Folha de S.Paulo, seis peças brasileiras desembarcaram na Argentina, e duas produções cinematográficas, *O toque de oboé* e *Lua de outubro*, foram produzidas em parceria entre Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai.<sup>16</sup>

A pouca relevância que se tem dado à integração cultural no Mercosul por parte das autoridades governamentais brasileiras induz a afirmar que a cultura não é, para elas, algo importante neste processo de integração. Se num primeiro momento os pronunciamentos dos ministros da Cultura falam sobre a importância da integração cultural, por outro lado, pouco se tem feito para que estes discursos se tornem realidade, visto as diversas falas acima citadas, segundo as quais as autoridades governamentais pouco têm feito para que a integração cultural de fato aconteça.

SARAIVA (1997, p.195) afirma que a política exterior brasileira tem se preocupado mais com os aspectos econômicos da integração e que ainda não foi capaz de elaborar uma agenda cultural mais expressiva com seus parceiros de mercado.

Por outro lado, tem sido salientada a importância da integração cultural como fundamento da integração econômica. (RECONDO, 1997) Integração cultural não de forma homogeneizadora, mas que contemple a diversidade cultural dos diversos países com o intuito de fortalecer entre os povos da região a consciência de uma identidade histórico-cultural comum. (RECONDO, 1997, p.9)

Recondo reconhece que há um economicismo exacerbado no Mercosul, e afirma que a integração cultural “deve ser um requisito prévio a todo processo de integração econômica ou política.” (idem, p.81)

Diante do exposto pode-se afirmar que até o presente momento o presidente do Brasil e o ministro das Relações Exteriores, em suas falas, têm se preocupado mais com as questões econômicas, jurídicas e comerciais do Mercosul do que com a integração cultural. Dessa forma, pode-se concluir que a integração cultural é algo secundário para estas autoridades, não podendo afirmar-se o mesmo da sociedade

civil e de setores ligados à cultura, que vêem a cultura como de fundamental importância no processo de integração.

A cultura é o amálgama necessário para integrar as diversidades, as diferenças e o próprio processo de formação das identidades culturais.

Recondo faz a seguinte afirmação:

“Devemos ter claro que não há cultura sem sociedade (sua base humana) e tão pouco há sociedade sem cultura, que é o produto da interação dos indivíduos em grupos e comunidades.” (idem, p.85)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou inicialmente introduzir as discussões da globalização e da cultura no processo de integração do Mercosul e, num segundo momento, analisar o discurso do presidente e o do ministro das Relações Exteriores do Brasil sobre a importância da cultura no processo de integração do Mercosul.

Ao se falar em globalização, a idéia mais premente é a internacionalização da economia, da tecnologia, da informática e dos meios de comunicação mais velozes. Contudo, o aspecto cultural que este processo envolve é salientado pelas autoridades do Mercosul, mas pouco ou quase nada é colocado em público. Para alguns autores a globalização está longe de produzir a uniformidade ou a homogeneidade cultural. Ela nos torna conscientes de novos níveis de diversidade e de heterogeneidade. Sendo assim, crê-se que a regionalização ou a integração dos países do Mercosul vai levar em consideração a diversidade étnica e cultural entre os países. Integrar mas sem homogeneizar culturalmente. Conforme ACHUGAR (1993), no processo de integração fazem-se necessários espaços democráticos para elaborar políticas culturais democráticas.

Constata-se que estes espaços democráticos na discussão das políticas culturais não têm acontecido de fato, devido às seguintes razões:

- 1) As questões culturais do Mercosul têm sido confiadas apenas aos ministros da Cultura dos países, faltando maior integração entre os produtores de bens culturais (rádio, TV, cinema, livros) e manifestações culturais da sociedade civil organizada.
- 2) Apesar de os ministros da Cultura salientarem que a cultura é algo importante no processo de integração, verifica-se, na prática, que pouco se tem feito no âmbito da integração cultural. O que tem havido são reclamações de pessoas ligadas aos meios artísticos e culturais, pela falta de apoio e incentivo em divulgar as produções artísticas e culturais de um país nos limites do Mercosul.
- 3) Pelas falas e discursos do presidente e do ministro das Relações Exteriores verifica-se que as questões econômicas, jurídicas e comerciais são sempre tratadas como algo importante no processo de integração do Mercosul.

No entanto, as questões culturais aparecem poucas vezes em seus discursos e são apresentadas de modo muito rápido e inexpressivo.

De acordo com COLOMBRES (1997), a integração cultural não tem sido preocupação fundamental ao lado da integração econômica, jurídica e comercial por parte dos ministros da Cultura e das Relações Exteriores. Crê-se que sejam importantes manifestações da sociedade civil e dos organismos produtores da Cultura para pressionarem e reivindicarem junto aos organismos governamentais a integração cultural no Mercosul. Concomitantemente, a sociedade civil, as universidades, os produtores culturais e de bens artísticos poderiam estar propondo discussões, seminários e exposições no intuito de tornar mais conhecidas as práticas culturais entre os países que fazem parte do Mercosul. Pois deve-se compreender que a cultura não pode ser pensada como algo estático, mas sim que seja constantemente reelaborada pelos homens, num processo mais amplo de trocas.

Num próximo trabalho pretende-se analisar o discurso dos presidentes e dos ministros das Relações Exteriores do Brasil e da Argentina sobre a importância cultural no Mercosul. Permanecem, portanto, algumas indagações. Será que os países do Mercosul entendem que a integração somente diz respeito aos setores econômico, jurídico e comercial, ficando a cultura relegada a uma segunda dimensão? Como os demais países, especificamente a Argentina, estaria compreendendo a cultura neste processo de integração?

## NOTAS

- <sup>1</sup> Podem ser citados como exemplo os recentes conflitos étnicos entre bósnios, servos e croatas.
- <sup>2</sup> HALL (1997), tendo como base a sociedade européia, questiona o conceito de identidade nacional. Segundo o autor, este conceito esconde, às vezes, a diversidade e a hibridização de diversas etnias que fazem parte da história do Estado-nação. No caso brasileiro, especificamente, isto não ocorre, pois a ampla discussão que se desenvolveu na primeira metade do século sobre identidade nacional não partia da idéia de homogeneidade étnica. Vide, estes autores: FREYRE (1994; 1947); RIBEIRO (1995). Para HALL (1997, p.67), "as nações modernas são, todas, híbridos culturais."
- <sup>3</sup> Thompson considera importante a abordagem de Geertz, mas constata alguns limites a esta abordagem: 1) O conceito de "cultura" e a análise cultural não são claras e consistentes; 2) A noção de texto que aparece no trabalho de Geertz, segundo Thompson, é complicada, pois Geertz, entende a cultura como uma 'montagem de textos'; 3) Geertz não dá atenção suficiente aos problemas de conflito social e de poder. (THOMPSON, 1995, p.177-180)
- <sup>4</sup> Por concepção estrutural da cultura Thompson compreende "tanto o caráter simbólico dos fenômenos culturais como ao fato de tais fenômenos estarem sempre inseridos em contextos sociais estruturados." (idem, p.181)
- <sup>5</sup> BOSI (1989, p.63-64), parafraseando Gramsci, define como cultura erudita aquela transmitida na escola e sancionada pelas instituições; e a cultura popular é aquela criada pelo povo, que articula uma concepção do mundo e da vida em contraposição aos esquemas oficiais.
- <sup>6</sup> RECONDO (1997, p.9) concebe a integração cultural "a partir de la aceptación de las diferencias de cada sociedad para intercomunicar sus culturas y fortalecer entre los pueblos de la región 'la conciencia de una común identidad histórico-cultural'"
- <sup>7</sup> Apesar de o Protocolo de Integração Cultural do Mercosul estar entendendo por cultura o erudito e o tradicional (museu, arte, teatro, música), a minha perspectiva para um trabalho futuro é pensar a integração cultural do

Mercosul sob a perspectiva das diferenças, "resistências" e/ou "preconceitos" existentes entre os diversos atores sociais dos países do Mercosul. Por exemplo: verificar se há alguma resistência dos paraguaios e dos argentinos em relação aos brasileiros e vice-versa; e se há resistência, quais os fatores que levam a estes "estranhamentos". Creio que os dirigentes do Mercosul deveriam estar preocupados também com estes possíveis "estranhamentos", que podem ser prejudiciais no processo de integração.

- <sup>8</sup> É o que se tem verificado desde março de 1998 até o presente momento através das reportagens em jornais.
- <sup>9</sup> A *Folha de S.Paulo* de 3 de junho de 1998 publicou matéria de Inácio Araújo intitulada "Seminário de cinema e TV do Mercosul começa sem o min. C." Segundo o articulista, o Brasil cometeu uma gafe pelo não-comparecimento ao seminário e informa que "boa parte da discussão girou em torno da necessidade de compatibilizar legislações, para que produtos e produções comecem a circular de fato na região". (ARAÚJO, 1998a, p.7) E, em 6 de junho, também na *Folha*, o mesmo jornalista escreveu matéria sob o título "Seminário do Mercosul em SC revela Babel latino-americana", onde diz que "A maior parte dos palestrantes não brasileiros também externou o sentimento de que a existência de um bloco comercial passa pela aproximação entre as culturas dos vários países." (ARAÚJO, 1998b, p.11)
- <sup>10</sup> Monica Yanakiew escreve, em 14 de junho de 1998, na *Gazeta do Povo*, a matéria "Lampréia e Di Tella discutem rumos do Mercosul", onde se lê: "No encontro, na casa de Di Tella, ambos buscarão fórmulas para acelerar a integração comercial, econômica e política, num ano em que o Brasil realiza eleições presidenciais, tendo portanto pouca margem de manobra." (YANAKIEW, 1998, p.42)
- <sup>11</sup> VELLEGGIA (1997, P.250-251) entende por agregação de mercados a dimensão que privilegia o econômico; e por integração compreende as diversas partes envolvidas. Sendo as dimensões econômica e comercial necessárias mas insuficientes para gerar por si sós um sistema integrado.
- <sup>12</sup> Essas são as principais áreas em que a coordenação, a cooperação e a integração cultural deveriam se desenvolver de forma prioritária: banco de dados sobre circulação regional de bens e serviços culturais; compatibilizar as legislações nacionais com o objetivo de permitir a livre circulação de bens e serviços culturais entre os Estados-partes; criação de uma rede regional de produção de televisão cultural e de bibliotecas nacionais; ações conjuntas e estudos para a salvaguarda e restituição de bens culturais e do patrimônio histórico e cultural da região. (BLA, 1996)
- <sup>13</sup> No texto original, disponível *on line*, este texto estava escrito em caixa alta.
- <sup>14</sup> Segundo Weffort, "ter uma ordem de grandeza sobre a participação da cultura na economia, de 1% do PIB, já é dizer alguma coisa. Temos que entender que o significado econômico é que é relevante." (apud DECIA, 1998, p.12)
- <sup>15</sup> Cf. matéria de Augusto Gazir publicada em 19 de setembro de 1998 na *Folha de S.Paulo* sob o título "Meio teatral questiona o Mercosul". (GAZIR, 1998a, p.5)
- <sup>16</sup> Ver matéria de Augusto Gazir publicada em 19 de setembro de 1998 na *Folha de S.Paulo* sob o título "Peças brasileiras fazem sucesso na Argentina" (GAZIR, 1998b, p.5); e, também, matéria de Bruno Garcez, na *Folha* de 25 de setembro de 1998, intitulada "Filme evita rótulo de regional". (GARCEZ, 1998, p.10)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACHUGAR, Hugo. "Inventar, integrar o errar (Apuntes fragmentários sobre identidad, cultura y Mercosur)". *Estudios Avanzados*. Série Assuntos Internacionais, n.29, p. 1-12, dez. 1993. (Col. Documentos)
- ALVAREZ, Marcelo & REYES, Nicolás Patrício. "La agenda de la gestión cultural en el Mercosur". In: RECONDO, Gregório. (comp.). *Mercosur: la dimensión cultural de la integración*. Buenos Aires: Ciccus, 1997. p.155-170.
- ARAÚJO, Inácio. "Seminário de cinema e TV do Mercosul começa sem o Min. C.". *Folha de S.Paulo*. Ilustrada, São Paulo, 3 jun.1998a, p.7.
- \_\_\_\_\_. "Seminário do Mercosul em SC revela Babel latino-americana". *Folha de S.Paulo*. Ilustrada, São Paulo, 6 jun.1998b, p.11.
- BATISTA JR., Paulo Nogueira. "Mitos da 'globalização'". *Estudios Avanzados*, São Paulo, v.12, n.32, p.125-186, jan./abr. 1998.

- BERNAL-MEZA, Raúl. "Globalización, regionalización y orden mundial: los nuevos marcos de inserción de los países en desarrollo". In: RAPOPORT, Mario. *Globalización, integración y identidad nacional*. Análisis comparado Argentina-Canadá. Buenos-Aires: Editor Latinoamericano, 1994. p.45-65.
- BILA-BOLETIM DE INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA. Brasília: MRE, 1996, n.19, p.52-54, jul./dez. 1996.
- BOSI, Ecléa. *Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias*. Petrópolis: Vozes, 1989.
- CARDOSO, Fernando Henrique. Cerimônia de lançamento da 1ª Bienal de Artes do Mercosul, Palácio do Planalto, Brasília, 4 de dezembro de 1996. [on line] Disponível na internet via <http://www.mre.gov.br/sei/mercosul.htm>, arquivo capturado em 19 de outubro de 1998.
- \_\_\_\_\_. "Discurso do senhor presidente da República por ocasião do jantar que oferece ao presidente Carlos Menem, da República Argentina". Brasília, 10 de novembro de 1997. [on line] Disponível na internet via <http://www.mre.gov.br/sei/mercosul.htm>, arquivo capturado em 19 de outubro de 1998.
- COLOMBRES, Adolfo. "Hacia una política cultural de la integración en el ámbito del Mercosur". In: RECONDO, Gregório (comp.). *Mercosur: la dimensión cultural de la integración*. Buenos Aires: Ciccus, 1997. p.125-135.
- DÉCIA, Patrícia. "Cultura movimenta R\$ 6,5 bi em 1997". *Folha de S.Paulo*. Ilustrada, São Paulo, 7 ago.1998, p.12.
- FEATHERSTONE, Mike. *O desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo, identidade*. São Paulo: Studio Nobel/Sesc, 1997.
- FREYRE, Gilberto. *Interpretação do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.
- \_\_\_\_\_. *Casa grande & senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.
- GARCEZ, Bruno. "Filme evita rótulo de regional". *Folha de S.Paulo*. Ilustrada, São Paulo, 25 set.1998, p.10.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- GAZIR, Augusto. "Meio teatral questiona o Mercosul". *Folha de S.Paulo*. Ilustrada, São Paulo, 19 set.1998a, p.5.
- \_\_\_\_\_. "Peças brasileiras fazem sucesso na Argentina". *Folha de S.Paulo*. Ilustrada, São Paulo, 19 set.1998b, p.5.
- GORENDER, Jacob. "Estratégias dos Estados nacionais diante do processo de globalização". *Estudos Avançados*, São Paulo, v.9, n.25, p.93-112, set./dez. 1995.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- LAMPREIA, Luiz Felipe. "Exposição do ministro de Estado das Relações Exteriores na Comissão Parlamentar conjunta sobre o Mercosul". Brasília, 27 de Junho de 1995. [on line] Disponível na internet via <http://www.mre.gov.br/sei/mercosul.htm>, arquivo capturado em 19 de outubro de 1998.
- \_\_\_\_\_. IIIº Encontro de negócios e marketing do Cone Sul. *BILA-Boletim de Integração Latino-Americana*, Edição Especial, dez. 1996a. [on line] Disponível na internet via <http://www.mre.gov.br>, arquivo capturado em 15 de agosto de 1998.
- \_\_\_\_\_. "O Brasil e o mundo no século XXI: uma visão do Itamaraty". *Política Externa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v.5, n.3, p.37-49, dez./fev.1996b.
- RATTNER, Henrique. "Globalização: em direção a um mundo só?". *Estudos Avançados*, São Paulo, v.9, n.25, p.65-76, set./dez. 1995.
- RECONDO, Gregório. "El Mercosur y la cultura". In: RECONDO, Gregório (comp.). *Mercosur: la dimensión cultural de la integración*. Buenos Aires: Ciccus, 1997. p.75-114.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro*. São Paulo: Cia. das letras, 1995.
- SANTOS, Boaventura de S. "Modernidade, identidade e a cultura de fronteira". In: *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 1996. p.135-156.
- SANTOS, Milton. "A aceleração contemporânea: tempo mundo e espaço mundo". In: *Técnica, espaço, tempo*. Globalização e meio técnico científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994. p.29-39.
- SARAIVA, José Flavio Sombra. "O Brasil na integração cultural e educacional do Mercosul". In: RECONDO, Gregório (comp.). *Mercosur: la dimensión cultural de la integración*. Buenos Aires: Ciccus, 1997. p.191-202.
- SARAVIA, Enrique. "El Mercosur cultural: una agenda para el futuro". In: RECONDO, Gregório (comp.). *Mercosur: la dimensión cultural de la integración*. Buenos Aires: Ciccus, 1997. p.137-154.
- SCHUSTER, Frederico L. "En busca de la identidad". In: RAPOPORT, Mario. *Globalización, integración y identidad nacional*. Análisis comparado Argentina-Canadá. Buenos Aires: Editor Latinoamericano, 1994. p.325-332.
- THOMPSON, John B. "O conceito de cultura". In: *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 1995. p.165-215.
- VELLEGGIA, Susana. "Comunicaciones del Mercosur en la disyuntiva: globalización o integración subregional?". In: RECONDO, Gregório (comp.). *Mercosur: la dimensión cultural de la integración*. Buenos Aires: Ciccus, 1997. p.241-277.
- YANAKIEW, Mônica. "Lampreia e Di Tella discutem rumos do Mercosul". *Gazeta do Povo*. Internacional, Curitiba, 14 jun.1998, p.42.
- YANNUZZI, Maria de los Angeles. "Identidad, política y crisis: las experiencias canadiense y argentina". In: RAPOPORT, Mario. *Globalización, integración y identidad nacional*. Análisis comparado Argentina-Canadá. Buenos-Aires: Editor Latinoamericano, 1994. p.333-351.